

AS MULHERES DA VIDA DE CORA CORALINA

Érica Oliveira do Espírito Santo Gonçalves (UEMS)

erica.ogoncalves@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

A história de vida da escritora goiana Cora Coralina é determinante em sua obra. É a “dura realidade” em que viveu na sua terra natal que dá tom e vida às histórias contadas em seus textos. As angústias, medos e julgamentos pelos quais passou, refletem em sua escrita a força de uma mulher capaz de não apenas se fazer ouvir pela sociedade, como também de dar voz a outras mulheres, “suas irmãs”, como ela mesma se refere a seus pares nos poemas "Mulher da Vida" (2006) e "Todas as Vidas" (2006). O presente artigo se propõe a discutir aspectos dos referidos poemas da autora, a fim de identificar neles as vozes femininas, oprimidas e abafadas pela sociedade do século XIX. O objetivo é provocar a reflexão acerca da importância dos papéis assumidos pela mulher na sociedade sob a ótica dessa escritora brasileira os quais, na visão dela, não se limitam aos afazeres do lar. Desta maneira, através da análise dos poemas "Mulher da Vida" e "Todas as Vidas" tendo como aporte teórico Ubiratan Machado (2010) e Suelly Reis Pinheiro (2003), entre outros autores, busca-se evidenciar os obstáculos que a mulher tem encontrado ao longo dos séculos para obter aceitação fora do meio doméstico, bem como sua incessante busca pela autonomia e participação em uma sociedade historicamente patriarcalista. Embora não se considerasse feminista, Cora Coralina foi uma importante precursora da luta feminina. Sua ousadia e maturidade ao tratar de temas delicados como o rompimento das barreiras do lar para a figura da mulher surpreendem e fazem com que sua obra, mesmo produzida no final do século XIX, seja viva e atual até os dias de hoje.

Palavras-chave: Cora. Poesia. Mulher.

1. Introdução

A mulher conquistou muitos direitos ao longo dos séculos. Porém para chegar a essas conquistas, grande e árdua foi e continua sendo a sua luta. Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto, nascida no final do século XIX, em Goiás, cresceu nesse processo de grandes transformações na vida da mulher. Frequentou apenas as primeiras séries do ensino primário, mas aos 14 anos já escrevia seus textos. No

entanto, aos 21 anos de idade estando grávida, sai de Goiás para São Paulo com seu futuro marido Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, adiando sua estreia como escritora a qual só ocorre após a morte do marido quando Cora Coralina retorna a Goiás, e depois de alguns anos é reconhecida de fato como escritora. Cora Coralina está situada numa época em que a mulher mesmo oprimida lutava pela conquista de espaço. Um dos marcos dos séculos XIX e XX é a luta da mulher brasileira pela busca de espaços fora do ambiente doméstico, o advento da modernidade faz nascer a mulher leitora, um dos fatores que muito contribui com a emancipação da mulher, o crescimento das cidades e o fortalecimento da burguesia a leva ser mais destemida e ousada. Conforme destaca Ubiratan Machado (2010, p. 312)

Com a prosperidade interna e a consolidação de uma burguesia urbana endinheirada, festeira, amiga dos prazeres e das artes, um grande vento de renovação passa a soprar na sociedade brasileira, atirando para o entulho muita velharia e preconceito. A mulher ainda se queixa, talvez sem perceber suas próprias conquistas [...]. Mas o simples fato de pôr a boca no mundo já era uma conquista. As mais ousadas começavam a se projetar como escritoras, poetisas, jornalistas, reivindicando direitos por meio da palavra escrita.

Vagarosamente as mulheres superavam as ideologias impostas pela sociedade. Uma mulher escritora era uma afronta para os princípios da época em que Cora Coralina produziu. Nas palavras de Ubiratan Machado (2010, p. 312): "Rabiscar bilhetes podia ser uma ameaça à integridade familiar e à autoridade paterna. Mas escrever poemas e publicá-los era sem-vergonhice mesmo. O nome da mulher, tanto quanto sua pessoa, devia se manter dentro do lar".

No início do século XIX, as mulheres brasileiras, em sua maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e escrever (então reservado ao sexo masculino).

E foram aquelas primeiras - e poucas - mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever. (DUARTE, 2008, p. 28)

Cora Coralina foi uma dessas mulheres a escrever e publicar seus textos sem preocupar-se com a opinião da sociedade acerca deles. Ela se utilizava de seus versos para gerar reflexão sobre temas considerados tabus como a figura da prostituta, retratada em alguns de seus poemas, por

exemplo.

As questões de gênero são muito discutidas nos dias atuais. Há uma busca pela sociedade igualitária que garanta os mesmos direitos às pessoas, independentemente do sexo. Porém a conquista dessa igualdade de gênero ocorre muitas vezes apenas no discurso, pois, por herança histórica e social, ainda há preconceitos relacionados ao gênero feminino, inculcados no inconsciente de homens e mulheres. Segundo Pierre Bourdieu (2011, p. 7-8):

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do descobrimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Os estudos de gênero têm demonstrado, ao longo dos anos, mudanças significativas na vida da mulher. Durante muito tempo, o espaço da mulher restringia-se ao de dona de casa e mãe, considerada a “rainha do lar”, entretanto, graças, principalmente, ao acesso à leitura e à escrita, a mulher passou a ocupar lugares, que até então, eram dominados apenas pela figura masculina, como o magistério, por exemplo.

Embora a coerção pesasse com mais força sobre as mulheres da sociedade e os gestos obedecessem a códigos de urbanidade que sempre ditam o que uma mulher decente deve evitar fazer, Cora se torna uma mulher pública. Seu trabalho a empurra para fora de casa. Ousada, deixa para trás preconceitos sociais, correndo atrás de sua cidadania na política e na sociedade. (PINHEIRO, 2003, p. 228)

A postura de Cora Coralina é considerada por muitos fonte de uma singular coragem e ousadia, considerando o período no qual viveu. Cora Coralina fazia parte da sociedade conservadora do século XIX onde era incomum “dar ouvidos” a voz da mulher. A postura assumida em sua obra poética é um de emancipação da figura feminina.

2. A figura feminina na obra de Cora Coralina

Cora foi uma escritora a frente de seu tempo. Sua obra contempla lugares e figuras marginalizadas pela sociedade do período em que viveu. Ela dá destaque a esses sujeitos como uma forma de autoafirmação pelos inúmeros preconceitos que sofreu desde a infância. Quando criança era chamada de Aninha, a menina inzoneira, feia, chorona, rejeitada pela

mãe e pelas irmãs (YOCOZAWA, 2002, p. 06). De acordo com Jane Alencastro (2003, p. 86-87)

Vê-se uma Cora que não se fez poetisa para louvar os grandes, os importantes, o poder institucionalizado: Cora se fez poeta para lembrar à sociedade de Goiás que existe uma periferia marginalizada: (...) A crítica social está pulando nos poemas da escritora denunciando uma sociedade estratificada e injusta. (...) A sua percepção não é a mesma da infância; alteraram-se os juízos de valor. Portanto, a memória de Cora está amarrada à memória do grupo, e ela procura soltar essas amarras legitimando os grupos marginalizados da sociedade.

Entre essas figuras lembradas pela autora está a figura da mulher. Não apenas a mulher de família a qual vivia no “claustro” de seu lar, mas também a “mulher da vida”, retratada por Cora Coralina, como alguém que também vivia enclausurada devido as suas condições próprias de vida. A voz dessa figura, livre das convenções que a sociedade impunha, e ao mesmo tempo sofrida e marginalizada, desprotegida pela lei, pode ser ouvida pelos versos de Cora Coralina. A autora parece sentir as aflições dessa “mulher”:

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito. [...]

Nenhum direito lhes assiste.
Nenhum estatuto ou norma as protege.
Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas. [...]

A obra de Cora Coralina pode ser considerada uma mola propulsora para os debates de igualdade de gênero tão discutida atualmente, pois em seus textos, homens e mulheres tinham valor, voz, espaço e ambos eram indispensáveis à sociedade, cada qual com a sua importância.

Da leitura da obra poética de Cora Coralina depreende-se que a poetisa, em seus momentos de maior autenticidade, fala em uníssono com a tradição poética. Para verificar essa relação da autora com a tradição examinaremos três tendências da lírica moderna e modernista na poética coralineana: a poetização do não-poético, o processo de despersonalização e o hibridismo dos gêneros literários.

A exemplo Charles Baudelaire (século XIX), considerado o precursor da modernidade, despreza o considerado belo e exalta em sua poesia o que a sociedade despreza (BENJAMIN, 1989, p. 78). Cora Coralina, como Charles Baudelaire canta a realidade que assola o homem moderno: pobres, prostitutas, decadência e corrupção, demonstrando uma

predileção pelo apotético.

Os poemas de Cora Coralina também apresentam características estilísticas da prosa como a extensão, presença de personagens, narrador e de uma ação. Deve-se ressaltar, na esteira de Emil Staiger (1997), que uma das características da arte moderna se pauta, sobremaneira, na miscigenação dos gêneros, havendo a predominância de traços estilísticos de um determinado gênero sobre outro. Há, pois, uma intercomunicação dos gêneros. Dessa forma, Emil Staiger (1997, p. 15) põe abaixo a teoria clássica dos gêneros literários ao afirmar que

Não vamos de antemão concluir que possa existir em parte alguma uma obra que seja puramente lírica, épica ou dramática [...] qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários, e de que essa diferença de participação vai explicar a grande multiplicidade de tipos já realizados historicamente [...]

Quanto a despersonalização, Thomas Stearns Eliot (1989, p. 27) afirma que “o progresso de um artista reside num contínuo autossuficiente, numa extinção contínua da personalidade. Resta definir este processo de despersonalização e sua relação com o sentido da tradição”.

Observa-se, de fato, a ausência de uma poesia objetiva, racional e impessoal. Entretanto, o processo de despersonalização em Cora Coralina diz respeito à aproximação do eu lírico com o “outro”, com o ser excluído social e economicamente pela sociedade moderna, resultando em uma multiplicidade de “eus”. O ser poético da poesia coralínea se identifica e representa “Todas as Vidas”, ao afirmar que vive dentro dele a cabocla velha, a lavadeira do Rio Vermelho, a mulher cozinheira, a mulher do povo, a mulher roceira, a mulher da vida etc. Enfim,

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras

(CORALINA, 2001a, p. 31/33)

Nas palavras de Charles Baudelaire (1995, p. 289) “o poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um”.

O poema *Mulher da vida* foi escrito em homenagem ao ano internacional da mulher em 1975. Cora Coralina poderia ter falado de qualquer mulher, mas escolheu a prostituta, o que implica uma postura política e crítica, a poetisa dá voz à mulher prostituta que luta por sobrevivên-

cia numa sociedade preconceituosa e egoísta. Ela tem um apreço que ainda hoje é negado às mulheres públicas, às vagabundas, às vadias. É um marco de rompimento, de ousadia.

De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades e
carrega a carga pesada dos mais
torpes sinônimos,
apelidos e apodos:
Mulher da zona,
Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à-toa.

Mulher da Vida, minha irmã. [...]

Percebemos nas entrelinhas do poema o machismo incutido na sociedade que enxerga a mulher como um objeto e não como um ser. Os versos: “necessárias fisiologicamente” / “ela é e muralha que há milênios detém as urgências brutais do homem para que na sociedade possam coexistir a inocência, a castidade e a virtude” / “esbarra a exigência impiedosa do macho” revelam a figura do homem tomado de seus piores instintos, um homem que usa a mulher como simples objeto a fim de satisfazer seus desejos e necessidades.

O poema em questão leva o leitor a diversas reflexões sobre os direitos da mulher. Em vários trechos a poeta ressalta a falta de direitos que a mulher prostituta enfrenta quando afirma que “Nenhum direito lhe assiste/Nenhum estatuto ou norma as protege”.

Na sua poesia a mulher da vida é colocada lado a lado com as senhoras mães de família, lavadeiras, cozinheiras pretas e brancas, velhas e novas, os homens são lembrados por suas profissões de padeiro, boiadeiro, lavrador, e não há destaque para os doutores e magistrados. Os homens e mulheres se igualam pela força do trabalho, que é o que dignifica o ser humano mais que seus teres e haveres. (LIMA, 2014, p. 43)

Cora Coralina, “velada ou sutilmente, vai penetrando nas fronteiras censuradas para a mulher” (PINHEIRO, 2003, p. 233), trazendo ao centro do poema à prostituta, uma das figuras mais discriminadas pela sociedade, Cora Coralina refaz o rosto dessa mulher que é marcada pelo desprezo, mostrando a fragilidade que permeia seu ser.

No poema *Todas as vidas* podemos identificar quatro perfis femininos ao longo das estrofes: a mulher religiosa, a mulher do lar, a mulher

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de personalidade e a mulher da vida. O eu lírico que Cora Coralina assume afirma reunir em si todas essas personalidades o que nos leva a pensar que a figura feminina que o eu lírico representa possui inúmeras facetas, algumas delas até mesmo ocultas devido aos tabus da sociedade. Porém todas tratam-se da mesma mulher que se desdobra conforme a exigência do meio, marcando a pluralidade do papel feminino.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras. [...]

O enunciador reúne as vozes femininas num grito de liberdade proveniente do seu próprio “eu”. As escolhas feitas por ele representam a singularidade ao verbalizar cada opressão, cada sentimento a ser desvelado.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha. [...]

Cora nos leva a refletir sobre a sina de cada uma dessas mulheres que presas às obrigações como lar e família, não tem tempo, espaço nem coragem para se arriscar no mundo em novas descobertas. Essas mulheres parecem estar sempre muito ocupadas com suas obrigações que se resumem a serviços domésticos, não havendo necessidade de estudos ou qualquer tipo de qualificação. O poema pode ser entendido como uma crítica ao sempre previsível papel da mulher no século XIX:

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
– Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira. [...]

Nos versos há um coloquialismo que aproxima o poema de uma conversa ou uma história que está sendo contada a um interlocutor. Há a expressão de um eu que rememora fatos de sua vida e de outras mulheres, que conhece e expõe seus sentimentos diante dele.

Inúmeras vozes permeiam o poema e todas são femininas, marcadas pelos adjetivos e artigos, do início ao fim: uma cabloca, acacorada, a lavadeira, a mulher, desabusada, linguaruda, entre outros. Em um processo metonímico, são vozes de mulheres que vivem no enunciador, são as marcas da trajetória percorrida por elas ao longo da vida. São muitas e ao mesmo tempo uma só. Ou seja, não são generalizadas, marcadas pela individualidade, já que cada uma recebe do enunciador uma caracterização carregada de sentidos.

Segundo Magali Elisabete Sparano (2006), percebe-se em todo o poema uma concisão das frases. Os versos compostos por frases fragmentadas como

Bota feitiço
Ogum, Orixá
Macumba, terreiro

e

Bem parideira
Bem criadeira
Seus doze filhos
Seus vinte netos,

por exemplo, sugerem uma visão de mundo marcada pelo automatismo com ausência de sentimentalismo.

3. Considerações finais

Ao analisar a obra de Cora Coralina passamos a perceber o quanto é importante a discussão acerca do papel da mulher na sociedade. Sua poética nos leva a várias reflexões sobre determinados padrões impostos pela sociedade que diminuem a mulher às responsabilidades do lar, sabendo que ela pode assumir papéis que vão muito além desse.

Para Suely Reis Pinheiro (2003, p. 228) embora a coerção passasse com mais força sobre as mulheres da sociedade e os gestos obedecessem a códigos de urbanidade que sempre ditam o que uma mulher decente deve evitar fazer, Cora Coralina se torna uma mulher pública. Seu trabalho a empurra para fora de casa. Ousada, deixa para trás preconceitos sociais, correndo atrás de sua cidadania na política e na sociedade.

A temática de Cora Coralina é farta e extremamente comprometida com as relevantes questões sociais que são apresentadas no seu cotidi-

ano de ancião contemporânea, ligada aos problemas que a cercam. Por meio dos seus versos, resgata a identidade de muitas anônimas.

Considerando os poemas analisados neste estudo entendemos que ao dar vez e voz aos excluídos, Cora Coralina traz a tona uma parcela que a sociedade quer esquecer, mas que não deve ser esquecida. Assim sendo, é possível perceber que através de sua escrita, Cora Coralina dá vez e voz às mulheres, o texto literário é um dos caminhos escolhidos por Cora Coralina para defender os que estavam aquém da sociedade.

A leitura de sua obra não pode acabar com as mazelas sociais, pode e deve contribuir para diminuição preconceitos e velhos preceitos. Não pode também resolver as injustiças e desigualdades, mas pode contribuir para esses preceitos não sejam acirrados. Nesse sentido, a poetisa deixou um importante legado para a nossa literatura e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. In: ____; HORKHEIMER, Max; HABERMAS, Jürgen. Textos escolhidos. Trad.: José Lino Grunnewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 193-208. (Os pensadores).

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad.: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad.: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CAMARGO, Flávio Pereira. Cora Coralina e a tradição poética moderna e modernista. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 19., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ABRALIC, 2004, p. 1-21. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25205/14021>.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Meu livro de cordel*. São Paulo: Global, 2002.

DUARTE, Constância Lima. Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina. In: WERKEMA, Andrea Sirihal et al. (Orgs.). *Literatura Bra-*

sileira 1930, Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradição e talento individual. In: *Ensaio de doutrina crítica*. Trad.: Fernando de Mello Moser. São Paulo: Art, 1989.

LIMA, Ebe. A literatura como patrimônio a ser mediado. *Entreletras*, Araguaína, vol. 5, n. 1, p. 43-52, jan./jul. 2014.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

PINHEIRO, Suely Reis. A palavra ecoa pelos becos da vida: Cora Coralina, imagens, cheiros e cores na resistência social à exclusão. In: BRANDÃO, Izabel; ZAHIDÉ, Zahidé Lupinacci. *Refazendo nós*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003, p. 225-242.

SPARANO, Magali Elisabete. *Cora Coralina: retratos de mulher*. São Paulo: Terracota, 2016.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. *Histórias das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 401-442.

YOKOZAWA, Solange Fiúza Cardoso. A reinvenção poética da memória em Cora Coralina. In: *Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC*, 2002, Belo Horizonte. CD-ROM.

ANEXOS

I Poema

Mulher da Vida

Mulher da Vida, minha Irmã.

De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades e
carrega a carga pesada dos mais
torpes sinônimos,
apelidos e apodos:
Mulher da zona,
Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à-toa.

Mulher da Vida, minha irmã.

Pisadas, espezinhadadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.
Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.
Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre por
aqueles que um dia as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas,
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.
Nenhum estatuto ou norma as protege.
Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria, da
pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes da Terra.

Um dia, numa cidade longínqua, essa
mulher corria perseguida pelos homens que
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o
tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,
ela encontrou-se com a Justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e
lançou o repto milenar:
“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra”.

As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:
“Ninguém te condenou, mulher...
nem eu te condeno”.

A Justiça pesou a falta pelo peso
do sacrifício e este excedeu àquela.
Vilipendiada, esmagada.
Possuída e enxovalhada,
ela é a muralha que há milênios detém
as urgências brutais do homem para que
na sociedade possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude.

Na fragilidade de sua carne maculada
esbarra a exigência impiedosa do macho.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Sem cobertura de leis
e sem proteção legal,
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explorada,
nem a sociedade a dispensa
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
que um homem a tome pela mão,
a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida, minha irmã.

No fim dos tempos.
No dia da Grande Justiça
do Grande Juiz.
Serás remida e lavada
de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco em
novo batismo de purificação.
Limpará as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir sempre,
estrutura sólida e indestrutível
da sociedade,
de todos os povos,
de todos os tempos.

Mulher da Vida, minha irmã.

Declarou-lhe Jesus: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus”. (Evangelho de São Mateus 21, ver. 31)

(CORALINA, 2006)

II Poema

Todas as vidas

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acorçada ao pé do borralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho,
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal. Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
– Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.

(CORALINA, 2006)